

## ESTUDOS CULTURAIS (INGLESES): O NOVO PARADIGMA

Maria Margarida Morgado\*

### RESUMO

Procede-se a um breve enquadramento histórico e teórico da mudança de paradigma dos estudos literários para os estudos culturais ingleses, para nestes identificar, em seguida, as suas principais etapas. Define-se para os estudos culturais uma primeira fase culturalista, uma segunda fase, estruturalista e configura-se uma encruzilhada de rumos futuros para os estudos culturais, de modo a clarificar novas posições de crítica literária e cultural assentes numa hermenêutica do quotidiano.

O panorama intelectual contemporâneo atravessa um momento de crise de fé, escreve Mark Freeman em *Rewriting the Self* (1993, 19) procurando enquadrar e caracterizar um período de profundas e radicais mudanças que têm vindo a ocorrer, na Grã-Bretanha e no resto do mundo, desde os anos 60 e que têm directamente afectado os estudos ingleses, os seus objectos, métodos, as atitudes dos professores e dos alunos.

Apoiando-me em *The Structure of Scientific Revolutions* (1970), de Kuhn, creio que será legítimo afirmar que existe, desde os anos 60, um novo paradigma para os estudos ingleses. Um paradigma deve ser entendido como um conjunto de novos problemas e de novas soluções circulados numa comunidade de cientistas. Tal pressupõe, nos estudos ingleses, uma mudança de atitude da comunidade académica que afecta a estrutura dos textos e a investigação conduzida - o que inviabiliza abordagens anteriores, como, por exemplo, aquelas que se centravam apenas na coesão interna de textos.

O novo paradigma é o dos estudos culturais que se vem sobrepor ao dos estudos literários. A passagem de um a outro não se tem revelado incontestada, mas, de qualquer modo, a própria mudança de paradigma só pode ser entendida de um ponto de vista capaz de albergar o velho e o novo paradigmas de modo a perceber o que se alterou entre eles (1). Favorecendo um percurso predominantemente histórico dos estudos culturais, que se detem na primeira fase dos estudos culturais, designada por culturalista, em relação com uma tradição literária elitista (a de Frank Raymond Leavis) a que a primeira reage, contribui para melhor perspectivar o que se alterou (McCabe. 1988).

O contexto em que ocorre a mudança de paradigma é relevante, já que cada paradigma configura o mundo de modo diferente. A presença mais marcante será porventura a do poder reinante das novas tecnologias de informação a partir do período pós guerras mundiais que vieram concorrer e lançar contradições no seio de uma literatura inglesa estudada nas universidades como "*magnificent and matchless in diversity and range*", como a refere Frank

\* Escola Superior de Educação de Castelo Branco

Raymond Leavis, sentida como um monólito cultural, elitista, tradicional, baseado na escrita e na transmissão do que de melhor foi escrito e pensado no passado. Mas para fazer justiça a uma nova fase cultural dominada pelos media, há que mencionar também os fenómenos descritos já em 1932 por Queenie Dorothy Leavis de proliferação de formas populares de cultura: a nova ficção barata que chega a 60% da população, mercê da alfabetização geral dela a partir de finais do século XIX, o cinema, a indústria da música, a cultura jornalística da imprensa popular, a televisão.

Algumas das condições históricas que determinam a nova configuração são, nas palavras de Schwarz (1994) a nível mundial, a queda dos impérios coloniais pelo mundo fora, uma gestão globalizada e uma electrificação da cultura, e a um nível mais local, o colapso do Império Britânico após a guerra com o Egipto em 1956. As relações entre colonizador e colonizado alteram-se para provocar a emigração dos povos colonizados para a Grã-Bretanha, com a consequente desintegração do “inglês” como essência, que cede lugar a uma manta de retalhos de nacionalidades, vivências e experiências. A mudança de paradigma envolveria também uma deslocação espacial da Grã-Bretanha para as ex-colónias britânicas: os EUA, o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia, a África do Sul. De todas estas regiões anglófonas emergem re-avaliações importantes, que se conjugam com os próprios movimentos nacionalistas das ilhas britânicas.

Uma outra característica do mundo contemporâneo é o seu domínio pelo etos comercial e pela imagem publicitária, por uma diversificação cada vez mais acentuada do público. Perdeu-se a coesão e estabilidade de um ponto de vista único, elitista e sobranceiro. Agora acontece que a cultura elevada de um minoria se entrelaça, em muitas formas culturais, com a cultura popular consumida pela maioria das pessoas impedindo uma oposição marcada entre cultura de elite e cultura popular.

O novo paradigma visa então entender não apenas a palavra escrita, mas também a palavra falada e a imagem, em relação entre si. Os estudos culturais re-interrogam os estudos literários, alargando-se a novas formas culturais contemporâneas, construindo um lugar para a cultura popular, e prosseguindo outras metodologias de investigação que integram as da sociologia, da antropologia, da psicologia, da psicanálise, da economia política, da ecologia, numa área de reflexão interdisciplinar; não pretendem perpetuar atitudes de passividade perante um canône de grandes textos, mas sobrepor-lhe um envolvimento activo com, geralmente de resistência à produção e ao consumo de artefactos culturais.

Quando surgem, os estudos culturais procuram validar e trazer para o cerne da universidade e das discussões meramente literárias - consideradas estas num sentido mais amplo, interdisciplinar e cultural - a cultura popular, a cultura das classes trabalhadoras, a par de uma tradição literária entendida como mais uma prática de vida.

Nem sempre, no entanto, as atitudes dos estudos culturais foram de resistência dos receptores às formas culturais. Houve tempos - numa primeira fase, culturalista, em que se desenhavam no horizonte o poder autoritário e dominador dos meios de comunicação e das indústrias culturais que “esmagavam” os espectadores e ouvintes, consumidores estupidificados por uma cultura americanizada e massificada.

Este é o lado negativo de uma fase, cuja teorização e prática se devem, em grande medida, a Raymond Williams, hoje considerado a pedra basilar dos estudos culturais que ele, no entanto, não entendia como um novo paradigma em relação aos estudos literários, mas apenas como uma prática alargada, partilhada por escrito, que emerge directamente de um

contexto educativo alternativo: a educação universitária de adultos das classes trabalhadoras em cursos pós-alborais, que cria um espaço de comunicação entre intelectuais e trabalhadores (Dworkin. 1993. 38-9).

Será Stuart Hall quem primeiro entenderá os estudos culturais como um novo paradigma e um reenfoque teórico divergente dos estudos literários, a partir de dois textos de Raymond Williams, *Culture and Society* (de 1958) e *The Long Revolution* (de 1961). Diferentes nas suas posições ideológicas, eles vão construindo a par e passo as fundações dos estudos culturais, colocando ênfases num mundo contemporâneo em mudança, no qual é preciso analisar os modos complexos de produção e de reprodução da cultura na sociedade.

Ao modo de hoje se contar a história dos estudos culturais a prática e teoria de Williams exhibe as marcas da sua profunda ligação às formas patriarcais da cultura da classe trabalhadora do País de Gales onde nasceu (Jardine, Swindells. 1989. citados por Bennett. 1992); o seu método e o de Richard Hoggart, outro dos pioneiros e autor de *The Uses of Literacy* (1957), têm sido denunciados como imprecisos por alargar a crítica textual (de literatura) a todas as outras formas culturais sem excepção, não atendendo aos modos específicos como elas produzem os seus sentidos sociais e estéticos. Mas aquilo que se realça constantemente em Williams e Hoggart é uma persistente articulação das suas ideias inovadoras com a tradição elitista e literária de Frank Raymond Williams, em torno de uma certa nostalgia do orgânico e de uma cultura comum, partilhável.

O culturalismo, ao longo da história que estou a contar, vive de uma continuidade com os estudos literários, com a influência de F. R. Leavis, rompendo simultaneamente com ambas. Constituindo uma fase histórica dos anos 50, e do início da década de 60, o culturalismo vai ter de ceder sob a pressão de uma outra posição, a estruturalista, que na década de 60 e início dos anos 70 contraria as tendências antropológicas do culturalismo de Williams.

A nova configuração estruturalista dos estudos culturais deve a sua existência, teorização e prática a um corpo político-filosófico marxista, predominantemente continental e europeu, centrado em *Mitologias* de Roland Barthes e nos contributos de Althusser para a definição de ideologia e dos aparelhos ideológicos como influências dominantes dos indivíduos. O estruturalismo constrói uma nova problemática para os estudos culturais, em que se privilegiam análises semióticas, político-psicanalíticas e feministas, com o intuito de reconhecer o papel constitutivo dos discursos na formação de subjectividades (históricas).

Em Inglaterra será nas teorizações de Stuart Hall, amigo de Williams e um dos grandes impulsionadores do primeiro centro de estudos culturais britânicos, em Birmingham, que encontraremos a vontade de privilegiar análises marxistas de formas culturais a partir da história política e social. Pretende-se interpretar textos (literários, populares, filmicos, televisivos) em articulação com outros elementos culturais, tendo em conta os efeitos produzidos em situações diferentes e sobretudo analisando a sua constituição ideológica de uma posição de resistência.

Duas vias pareciam abrir-se, então, de actuação dos estudos culturais: uma, a culturalista, predominantemente de análise de todo um modo de vida em que se investigam os modos de instrumentalização da cultura, de como certas formas culturais são usadas pelas fontes de poder para transformar e dominar as "massas" e a cultura popular. A outra via, estruturalista, esbate a oposição - que fora importante para o culturalismo - entre formas culturais "elevadas" e as populares para se ocupar em denunciar o processo de como as ideologias dominantes exercem a sua autoridade sobre qualquer artefacto cultural (não necessariamente escrito) e os modos como essas transmissões ou mitos emanados da burguesia, são resistidas ou aceites pelas classes dominadas (Bennett. 1992).

Se o movimento culturalista, fundamental em termos de definição e consolidação do terreno de actuação, inquire o que está próximo de todos nós e o que é familiar, a tendência estruturalista dos estudos culturais faz sobressair as culturas oprimidas, dos pobres, dos cultos jovens, da moda, e define estratégias de intervenção cultural.

Subjacente a muitos dos estudos e investigações realizados neste paradigma encontra-se o desejo de desmontar os discursos que aparentemente se constituem como os mais legítimos, aqueles que se assemelham à opinião “obrigatória, natural ou inevitável” sobre a ordem social e que se perfilam no horizonte mental de toda uma cultura ou sociedade (Hall. 33).

Enquanto o culturalismo se ocupava predominantemente em procurar a voz popular, “autêntica” numa interrelação com a história e a sociologia, o estruturalismo fazia incursões no estudo do cinema, da televisão, da escrita popular, consolidando novas áreas de estudo (Bennett. 1992. 223).

A posição culturalista e a estruturalista acabam por se polarizar em manifestação doméstica e versão importada dos estudos culturais respectivamente. Dá-se um novo passo nos anos 70, quando para a arena dos debates culturais é chamado o corpo teórico formulado pela obra do marxista italiano Antonio Gramsci. Gramsci obriga os culturalistas e os estruturalistas a rever a sua noção de cultura.

A vantagem da nova posição teórica é passar a entender a cultura como um campo de tensões e de negociação em vez de um espaço de relação entre todos os elementos que constituem um modo de vida ou lugar de uma ideologia dominante que se impõe como força externa e alheia sobre as classes dominadas. A luta já não é de domínio de uma classe sobre outra, mas pela *hegemonia*, quando a cultura dominante é capaz de acomodar os valores das classes que se lhe opõem (Quadro 1).

CULTURALISMO	ESTRUTURALISMO
* Teorização com base na onnipotência dos meios de comunicação.	* Teorização com base no corpo político-filosófico marxista continental e europeu.
* Análise de todo um modo de vida (orientação histórica e sociológica).	* Predomínio de estudos de cariz semiótico, psicanalítico, político.
* Validação da cultura popular nos estudos académicos.	* Análise ideológica predominantemente de conteúdos em diversas formas culturais.
* Inquérito ao que é “familiar”.	* Realce dado ao ponto de vista dos oprimidos e das subculturas.
* Procura da voz “autêntica” popular.	* Incidência sobre novas áreas culturais: cinema, televisão.
* Metodologia imprecisa.	* Resistência e oposição às formas dominantes de cultura.
* Ligação a “formas patriarcais de cultura da classe trabalhadora”.	

QUADRO 1

Esta reorientação teórica dos estudos culturais possibilitou novas posições, predominantemente políticas com a consequência de as práticas contemporâneas dos estudos culturais procurarem desmontar os discursos hegemônicos, a partir de pontos de vista tradicionalmente menosprezados, como sejam, o das mulheres, o das sexualidades policiadas, o das minorias étnicas, o das classes operárias, o da cultura popular ou de entretenimento e de lazer (2). Todos eles procuram legitimar e evidenciar práticas que constituem um modo de estar no mundo social e que os seus críticos procuram de algum modo transferir da periferia para o centro, legitimando a cultura popular, a voz do outro e o lugar dos discursos marginais.

As sucessivas posições ideológicas dos estudos culturais que aqui procurei descrever sumariamente de forma inteligível ocorrem no quadro de uma progressiva questionação sobre a validade crítica desta área de estudo interdisciplinar, proveniente do exterior (das posições conservadoras do cânone universitário) e formuladas também no seio dos estudos culturais. Teme-se pela autoridade de um campo demasiado envolvido com a cultura popular e a cultura "democratizada" e que, por vezes, parece resvalar para celebrações populistas de formas populares, além de que não exhibe a erudição tradicional universitária nem distanciamento crítico (Webster. e Grossberg.)

São múltiplos os pressupostos, as teorias e as práticas dos estudos culturais contemporaneamente, o que contribui para as dúvidas que se instalaram. Adaptável ao estudo de um mundo em mudança, a resposta dos estudos culturais a todas estas críticas tem sido a de se repensar e de procurar novos rumos do seu desenvolvimento nos anos 80 e 90 a partir da sua história. É afinal o que estou a fazer: tento reescrever uma história para os estudos culturais de modo a encontrar nela impulsos para o futuro.

É importante descobrir qual a vocação (ou principal orientação) dos estudos culturais (3). Deverão tornar-se o lugar de articulação dos discursos de resistência, das minorias silenciadas, numa posição de antagonismo aos discursos dominantes? Ou, por outro lado, devem privilegiar as relações produtivas entre cultura e poder, de modo a provocar alterações na consciência cultural ao nível das próprias práticas (Murdock. 1989. citando Cohen. 1980. xii; Cunningham. 1991; e Bennett. 1992). Ou ainda, recuperando algumas ênfases do culturalismo, devem defender a sua coesão e a necessidade de investigar noções de valor e de discriminação entre textos e práticas da cultura; modos de actuar sobre a formação da cultura; e o lugar da análise textual e da literatura no estudo da cultura? (Turner. 1990).

Sinto-me tentada a definir esta fase em que nos encontramos, como de renovado culturalismo (During. 1993. 7), já que nela se re-articulam conceitos das duas fases, culturalista e estruturalista, e se conjugam, por um lado, os interesses daqueles que em todas as formas culturais produziram exercitar uma crítica ideológica e, por outro lado, aqueles que procuram manifestações esporádicas da vida expressiva que irrompe mesmo no meio da opressão, de modo a libertar momentos de criatividade na vida do quotidiano e do familiar (Inglis. 1993. 132). Mas sobretudo porque à luz de desenvolvimentos teóricos posteriores me parece estarem a recuperar-se dados importantes do culturalismo para as leituras estéticas e políticas de artefactos culturais, de instituições e de práticas de vida.

Apesar do triângulo de posições possíveis definidas para os estudos culturais no futuro e que enquadram preocupações mais sociológicas, ou económicas, ou etnográficas ou políticas ou críticas, os estudos culturais não abdicam de uma forma de actuação empenhada na defesa dos interesses das minorias e dos oprimidos. Eles dão prioridade à subjectividade no modo de articular a cultura com vidas individuais e por isso se delimitam das outras ciências sociais. Ao estudar manifestações culturais da sociedade, defendem-se da objectividade sociológica para

permitir vozes diferentes das do teorizador e utilizam técnicas de investigação qualitativa de preferência a estudos estatisticamente relevantes, para se furtarem às tendências estatísticas para normativizar a sociedade. E, finalmente, continuarão, sem dúvida, a pautar-se por uma actuação de formalização do que é popularmente conhecido (Willis).

Se a cultura não é monolítica (Hall, Jefferson. 1976. citados por Turner. 1990. 111-2), se ela é composta por fragmentos ou mapas de sentido que se intersectam ou competem entre si, os estudos culturais constituirão um lugar de confluência de uma pluralidade de vozes em conflito, se não um espaço de des-centramento de uma outrora una e estável tradição literária comunicada nas universidades.

As vozes e presenças outrora periféricas invadiram legitimamente o terreno de actuação dos estudos culturais sob a forma de subjectividades, de subculturas, de mundos privados e desvanece-se por completo a nítida linha de separação entre a cultura elevada e a cultura popular (\*).

No cerne de uma pedagogia des-centrada e de uma multiplicidade de abordagens, umas mais orientadas para o determinismo económico-político, outras para o determinismo cultural, outras ainda para a salvaguarda da agência individual (Turner. 1990) a história dos estudos culturais conta um processo de busca de uma tradição central, que se mantenha fiel aos seus princípios.

<b>Anos 50-60</b>	Paradigma Culturalista Raymond Williams e Richard Hoggart	(Cultura como todo um modo de vida)	
<b>Anos 60-70</b>	Paradigma Estruturalista Stuart Hall	(Culturas oprimidas e estratégias de intervenção cultural)	
<b>Anos 70</b>	Reorientação teórica em torno da obra de Gramsci		(Cultura como campo de tensão e de negociação)
<b>Anos 80-90</b>	Metáforas de luta e de resistência?  (Murdoch, 1989)	Relações produtivas entre cultura e poder?  (Cunningham, 1991; Bennett, 1992)	Recuperação de noções de valor para discriminar textos e práticas populares?  (During, 1993; Inglis, 1993)

**QUADRO 2 - Quadro resumo das posições teóricas nos Estudos Culturais Ingleses**

## NOTAS

<sup>1</sup> Em "Two Paradigms" Stuart Hall afirma: "there are no absolute beginnings and few unbroken continuities", uma ideia que subjaz ao entendimento que faço da noção de paradigma proposta por Kuhn.

<sup>2</sup> Exploram-se temas inovadores sobre a relação entre telenovelas e mulheres no estudo de Richard Dyer, Terry Lovell e Jean McCrindle, *Soap Opera and Women* (1977); sobre subculturas jovens no estudo de Dick Hebdige, *Subculture: The Meaning of Style* (1979), no âmbito dos estudos mediáticos; ou ainda sobre as relações entre índices de audiências e leitores e textos, como no estudo de Janice Radway, *Reading the Romance* (1984).

O estudo seminal que determina a trajetória dos estudos culturais britânicos sobre consumismo e subcultura jovem é um texto de 1972, de Phil Cohen, intitulado "Subcultural Conflict and Working-Class Community". Vide também do mesmo autor, *Rethinking the Fourth Question* (1985. Working papers. Post Sixteen Education Centre. University of London. Institute of Education.

<sup>3</sup> Murdoch (1989. 82-3) define a vocação dos estudos culturais como metáforas de luta e de resistência.

<sup>4</sup> A cultura elevada e a cultura popular combinam-se em muitas formas culturais e as instituições tradicionalmente encarregadas de disseminar a cultura (de alto para baixo), como a BBC, o Arts Council ou o British Council, as casas editoras como a Penguin e as Universidades tradicionais como Oxford e Cambridge, vêem-se desafiadas a concorrer com inúmeros canais de televisão privados e por satélite, editoras empenhadas em divulgar as obras marginalizadas, de mulheres, como a Virago, e muitas novas universidades e politécnicos que escolhem ensinar colaborativamente muitas versões da cultura popular.

## LISTA DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bennett, T. (1992) Useful Culture, *Cultural Studies* 6, 3, 395-408.
- Cohen, D. (1980) *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of the Mods and Rockers*. Oxford: Martin Robertson.
- During, S. (1993) Introduction. In: S. During (ed.) *The Cultural Studies Reader* (pp. 1-28), London and New York: Routledge.
- DWORKIN, D. L. (1993) Cultural Studies and the Crisis in British Radical Thought. In: D. L. Dworkin and L. G. Roman (Eds.), *Views Beyond the Border Country*, New York and London: Routledge.
- FREEMAN, M. (1993) *Rewriting the Self*, London: Routledge.
- GROSSBERG, L. (1992) Introduction. In: L. Grossberg, C. Nelson and P. Treichler (Eds.) *Cultural Studies*, New York: Routledge.
- Hall, S.; and JEFFERSON, T. (Eds.) (1976) *Resistance Through Rituals, Youth Cultures in Popular Britain*
- Hall, S. (1980) Cultural Studies: Two Paradigms. In: *Media, Culture and Society* 2 (2) (pp. 57-72),
- Hall, S. (1993) "The Television Discourse - encoding and decoding. In: A. Gray and J. McGuigan (Eds.) *Studying Culture. An Introductory Reader* (pp. 28-34), London: Edward Arnold.
- HOGGART, R. (1990) *The Uses of Literacy*, Harmondsworth: Penguin. First published 1957.
- INGLIS, F. (1993) *Cultural Studies*, Oxford: Blackwell.
- MACCABE, C. (1988) Broken English. In C. MacCabe (Ed.), *Futures For English*, Manchester: Manchester University Press.
- Murdoch, G. (1993) Cultural Studies at the Crossroads. In: Ann Gray and Jim McGuigan (Eds.), *Studying Culture: An Introductory Reader* (pp. 80-93), London: Edward Arnold.
- Schwarz, B. (1994) Where is Cultural Studies?, *Cultural Studies* 8, 3.
- Turner, G. (1992) *British Cultural Studies. An Introduction*, London: Routledge.
- WEBSTER, D. (1994) Pessimism, Optimism, Pleasure. The Future of Cultural Studies. In: J. Storey (Ed.), *Cultural Theory and Popular Culture. A Reader* (pp. 531-543), Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf.
- WILLIAMS, R. (1958) *Culture and Society. 1780-1950*, London: Chatto & Windus.
- WILLIAMS, R. (1961) *The Long Revolution*, London: Chatto & Windus.
- Willis, P. (1977) *Learning To Labour*